

# Brasil pede mais US\$ 9 bilhões a banqueiros

Nova Iorque/UPI

Fritz Utzeri



Herzog (C) firmou o acordo com os banqueiros Harry Taylor (E) e Thomas Deane (D)

Nova Iorque — O Brasil está negociando junto aos bancos do Comitê de Assessoria, para 1983 e 1984, um total entre 8 bilhões 500 milhões e 9 bilhões de dólares em novos recursos, a serem pagos dentro do mesmo esquema adotado pelo projeto um (empréstimo-jumbo de 4 bilhões 400 milhões de dólares): três anos de carência e oito de prazo para pagar. Os bancos internacionais, nas reuniões do Comitê quarta e quinta (a última com a participação do presidente do Banco Central, Carlos Langoni), vêm oferecendo 6 bilhões, mas o número final de dinheiro novo poderá estar em torno de 7 bilhões 500 milhões e 8 bilhões de dólares.

A informação é de uma fonte bancária, em Nova Iorque, com acesso ao Comitê. Segundo essa fonte, além do dinheiro novo, os brasileiros estão negociando com os americanos a transformação dos recursos a curto prazo dos projetos 3 e 4 — créditos comerciais e interbancário — (respectivamente 6 e 9 bilhões de dólares) em empréstimos de dois anos. Os banqueiros parecem concordar com um prazo de um ano, mas também desta vez a solução a ser encontrada poderá ser de meio termo, algo em torno de um ano e meio.

## Sinal verde

Os bancos americanos, assim que receberem o sinal verde do diretor-geral do FMI, Jacques Delorsière, pretendem desencadear a fase 2 das negociações. Segundo o *Wall Street Journal*, que circulou ontem em Nova Iorque, alguns banqueiros acham que o FMI deverá dar um sinal na próxima semana. Outras fontes, com acesso ao Comitê, são ainda mais precisas, estabelecendo a data de 2 de setembro como a prevista para o início da fase 2. "Pergunta quando acabam as férias do Delorsière", sugere um banqueiro, lembrando ainda que esse dia é véspera de um feriado longo, nos EUA, cai numa sexta, e na segunda, dia 5, é Dia do Trabalho (*Labour Day*).

Segundo Langoni declarou em Nova Iorque, na quinta-feira, a negociação com os bancos está na "fase final", mas o *journal*, em sua edição de ontem, classificou os encontros do Comitê de quarta e quinta como "preliminares", afirmando que faltam ainda dois meses e meio para que as peças do novo projeto brasileiro possam ser juntadas. Entre as discussões (finais ou preliminares, dependendo de quem está com a razão) do Banco Central com os bancos internacionais, está o pagamento do *bridge loan* (empréstimo-ponte) dos próprios bancos (1 bilhão 200 milhões de dólares).

Os bancos estão insistindo em que o Brasil pague o *bridge* assim que receber a parcela restante do *jumbo*. O Brasil contrapropõe com o pagamento desse *bridge* ainda este ano, mas não com os recursos do *jumbo*, mas com os novos empréstimos a serem concedidos para 83, pelos bancos. O meio-termo, novamente, é possível, mas segundo revelou a fonte, o presidente do BC insistiu com os banqueiros que o adiamento do pagamento do *bridge* seria um sinal psicológico de confiança no país.

Na verdade, se o Brasil conseguir adiar esse pagamento, ficará com um caixa de 1 bilhão 200 milhões de dólares, o que lhe permitiria reduzir substancialmente seus atrasados — atualmente em torno de 1 bilhão 900 milhões de dólares. Se pagar o *bridge*, o Brasil ficará com mais ou menos 350 milhões de dólares em caixa, com os atrasados e problemas de liquidez em nível crescente.

## Renegociação

A proposta está na mesa dos banqueiros que devem dar uma resposta até a semana que vem. Outro ponto que está sendo negociado (e com o qual os bancos já concordaram) é a amortização da dívida que vence em 84 (cerca de 5,1 bilhões de dólares), o que seria feito dentro do esquema do chamado projeto 2, que foi o único a funcionar bem este ano, pois não depende de aprovação do FMI.

Paralelamente à conversa com os banqueiros, os brasileiros vêm mantendo conversas constantes com o Tesouro e com o Federal Reserve (o banco central dos EUA), para que esses organismos façam pressão junto aos bancos privados. No momento o Brasil pediu ajuda ao FED para que volte a interceder junto ao BIS—Banco Internacional de Compensações, pois uma nova parcela de 400 milhões de dólares está vencendo. Trata-se de convencer o BIS a refinarçar o pagamento dessas duas parcelas, por mais seis meses. O esquema seria o seguinte: quando o Fundo liberar o dinheiro o Brasil pagaria ao BIS, que reemprestaria o dinheiro por mais 180 dias. (O que não está claro é que tipo de argumentos serão usados para convencer os suíços do BIS a largar o dinheiro brasileiro depois de embolsá-lo.)

O novo ponto em comum da estratégia brasileira e dos bancos é a negociação de 84. Os negociadores do Brasil queriam estender — Langoni em duas entrevistas em Nova Iorque deu a entender que o faria — as negociações até 85, mas os banqueiros não aceitaram por duas razões: o país não tem um programa acertado com o Fundo para 85 e o FMI é hoje o grande avalista de qualquer transação dessa natureza, e em 85 haverá um novo Governo no Brasil. Nas negociações, os brasileiros parecem não ter muita pressa, ao contrário do que ocorria em maio, segundo a fonte, enquanto os banqueiros começam a ficar intranquitos.

Ao decretar a centralização do câmbio — segundo um economista — o Brasil adotou, na prática, uma suspensão de pagamentos por tempo indeterminado. Essa suspensão, num certo sentido, é mais ampla do que a adotada pelo México ao iniciar suas negociações no ano passado. Formalmente, o BC disse que a medida deverá durar três meses, mas os banqueiros sabem (e temem) que ela durará até os recursos começarem a entrar novamente. A centralização do câmbio só foi possível, segundo a fonte, porque a situação do interbancário está estabilizada.

O próprio Bill Rhodes, coordenador da renegociação da dívida o admite, citando "um ligeiro aumento nos depósitos", de 5 bilhões 950 milhões de dólares para 6 bilhões 100 milhões. Na verdade, há hoje um mecanismo e um compromisso firmado por 40 anos em manter estáveis as linhas do projeto 4 (interbancário).

Com uma receita de exportação de 1 bilhão 500 milhões de dólares, retida pelo BC, o Brasil tem condições de priorizar o pagamento de sua conta de petróleo (60 milhões de dólares) e lhe restam ainda cerca de 900 milhões para outros pagamentos. (Em Nova Iorque, alguns banqueiros mostram-se preocupados porque muitos pagamentos brasileiros já estão atrasado há mais de dois meses, e portanto na condição de *non performing*, ou seja, prontos para irem para a coluna dos prejuízos.)

Desta vez, ao que parece, todos estão procurando evitar soluções rápidas, do tipo da negociação de dezembro que foi por água abaixo. Langoni, em Nova Iorque, disse estar atrás de "números realistas", e os banqueiros, como cita o *Wall Street Journal*, dizem que "a última coisa que alguém quer sobre sua mesa é um projeto que não funcione". De qualquer modo os banqueiros parecem estar ansiosos em busca de um sinal do FMI, embora a divergência quanto às metas do déficit público e inflação para 84 ainda tenham que ser superadas.